

AS PAISAGENS SONORAS DA FESTA JUNINA DE CAMPINA GRANDE (PB): O CASO DO PARQUE DO POVO
The sound landscapes of the Junina Festival of Campina Grande (PB): the case of the Parque do Povo

Jordania Alyne Santos Marques¹

RESUMO

O presente trabalho tem o propósito de identificar as paisagens sonoras da Festa Junina de Campina na Paraíba, dando ênfase às musicalidades inerentes ao Parque do Povo. Para tanto, tornaram-se basilares a revisão bibliográfica, com destaque para as postulações de Furlanetto e Torres, bem como os procedimentos metodológicos operacionais pautados na abordagem qualitativa, fazendo uso do diário de campo, observação participante, entrevistas, diálogos abertos e registros fotográficos. A partir das investigações realizadas, constatamos que as musicalidades festivas passam por sucessões e rupturas no transcorrer das edições da comemoração. Por conseguinte, tais resultados apontam para uma variedade de estilos musicais manifestos na festividade, tais como: forró, religioso, sertanejo, *pop*, *rock* e *coco de roda*.

Palavras-chave: Musicalidade. Festa Junina. Nordeste.

ABSTRACT

This present work has the purpose of identifying the sound landscapes of the Junina Festival of Campina in Paraíba, giving emphasis in the musicalities which are inherent in Parque do Povo. In order to study it, we took as base literature review, with featured for the postulations of Furlanetto and Torres, as well operational methodological procedures based on the qualitative approach, doing use of the field diary, participant observation, interviews, open dialogues and photographic records. From those investigations, it was verified that the festive musicalities pass by successions and ruptures along the editions of the celebration. Therefore, such results point to a variety of musical styles in the festival, such as: Forró, religious music, sertanejo, *pop*, *rock* and *coco de roda*.

Keywords: Musicalities. Junina Festival. Northeast.

¹ Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN. jordania_gids@yahoo.com.br.
✉ Rua Heronides Meira de Vasconcelos, n.115, Centro, Pedra Lavrada, PB. 58180-000.



INTRODUÇÃO

A relação dos homens com a terra, a partir dos ciclos de produção agrícola, promoveu o surgimento das festas, objetivando render cultos às divindades que salvaguardavam as colheitas (DEL PRIORE, 2000). Na Grécia, acreditava-se que os alimentos lucrados eram oferecidos pelos deuses por benevolência (CLAVAL, 2011), tal influência, se reverberou com a nomeação do mês **Antestério** (fevereiro e março no nosso calendário), fazendo menção as festas “com duração de três dias: aos 11, 12 e 13 do mês, pouco antes da lua cheia de março” (JOURDAIN-ANNEQUIN, 2011, p. 76).

No contexto europeu, quando o catolicismo torna-se a religião oficial do continente, a Igreja Católica passou a estabelecer os dias solenes, visando modificar as festas, as subdividindo em duas categorias as celebrações do senhor, destacando os acontecimentos da vida de Jesus Cristo, e as datas comemorativas aos santos (DEL PRIORE, 2000). Nessa lógica, a relação entre igreja e monarquia era altamente acentuada, já que, “as conquistas territoriais praticadas pelos novos governantes promoveram a expansão da religião cristã, pela instituição de paróquias, dioceses e arquidiocese em cada um novo território conquistado” (BONJARDIM; ALMEIDA, 2015, p. 114).

Chegando ao Brasil, os colonizadores trouxeram o costume de festejar, organizando as celebrações acima aludidas, bem como, aniversários, casamentos e as entradas, sendo essas últimas, rituais solenes de recepção de bispos e autoridades (DEL PRIORE, 2002). Em vista disso, “as festas eram o ponto alto da religião, momento que unia a sociedade para diversão, reunião das famílias e amigos” (BONJARDIM; ALMEIDA, 2015, p. 121), ao mesmo tempo, elas indicavam a autoridade “do monarca ou do panteão católico” (DEL PRIORE, 2000, p. 17). Nesse sentido, as elites determinavam como

as comemorações ocorreriam, cabendo aos negros e indígenas se submeter às normas de comportamento impostas, na oportunidade eles eram catequisados.

De tal modo, as festas revelavam a imprescindibilidade de utilizar praças, ruas e igrejas. Seguindo essa lógica, a cidade era adornada, janelas paramentadas com panos, vasos de flores e luminárias, quanto maior o número de luzes ofertadas, maior seria o prestígio perante a sociedade (DEL PRIORE, 2000; CHIANCA, 2013). As irmandades e confrarias eram encarregadas de coordenar as festas religiosas, dentre elas as procissões, com estandarte do santo ovacionado, seguida de arautos e soerguimento de mastros, com destaque para a solenidade de São Antônio, São João e São Pedro, nos dias 13, 24 e 29 de junho, respectivamente.

Logo, “a festa constitui-se em uma forma de linguagem por meio da qual culturas diferentes podiam comunicar-se” (MORIGI, 2007, P.34), assim sendo, com o passar dos anos, as famílias portuguesas, demais colonizadores, negros e indígenas foram adicionando elementos e símbolos às festas juninas.

Após a proclamação da república alguns hábitos do período precedente passaram a ser negados por barões e burgueses (CHIANCA, 2013). Nesse cenário de rejeição, as festas juninas distanciam-se dos grandes centros, são introduzidas pelos mais pobres em diversas partes do país, intensificando hábitos antecedentes, ao mesmo tempo agregando particularidades dos lugares (MORIGI, 2007). Desse modo, Silva (2013) segmenta as festas juninas brasileiras em duas: as do Nordeste e as caipiras em São Paulo, Norte do Paraná, Sul de Minas Gerais e Goiás.

No Nordeste, essa manifestação cultural se embasa na ruralidade, na seca, na religiosidade e na tradicionalidade, para isso se constrói uma concepção de que nessa região transcorre a verídica cultura

nacional matriz (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013), atribuindo-se pureza as manifestações populares das classes socioeconomicamente desprovidas (DOZENA, 2009). Isto posto, diante de um imaginário de região criado pelo regionalismo, as festas juninas passaram a serem constituídas por vários elementos e símbolos: fogueiras, balões, bandeirolas multicolores, celebrações religiosas católicas, adivinhações, compadrios, comidas típicas regionais, quadrilhas e forró (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; CHIANCA, 2013).

As festividades juninas nos leva a conceber a paisagem cultural para além do olhar, “como sensações vividas e sentidas pelo observador, valorizando os aspectos subjetivos da relação das pessoas com o ambiente” (FURLANETTO, 2016, p. 349). Logo, ao atentarmos para as paisagens sonoras que são “compostas por elementos comunicativos, como a fala humana e elementos artísticos sonoros, as músicas” (TORRES, 2016a, p. 182).

De tal modo, “a música pode refletir o sentido dos lugares, das representações territoriais, das identidades regionais, da paisagem cultural ou dos traços culturais” (FURLANETTO, 2013, p. 359). Nesse sentido, a partir de 1946, com o “Estouro do Baião”, momento de transição no processo de modernização da música popular brasileira, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira criaram um gênero musical regional, composto pelos seguintes instrumentos musicais: a sanfona, o triângulo e a zabumba, associados a letras marcadas pela seca, migração, proteção divina, contraposições entre nordeste e sudeste e as festas juninas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001; SEVERIANO, 2008; CHIANCA, 2013; COSTA, 2012).

A partir da década de 1980, as festas juninas vêm se adequando e sendo instaladas nas cidades pequenas, médias e em espaços metropolitanos, envolvidas numa perspectiva mercantilizada, com sustentáculos na ruralidade, religiosidade e tradição festiva em

harmonia com o modo de vida urbano, para tal, tornou-se elementar a divulgação da mídia (BEZERRA, 2006; CASTRO, 2012; CHIANCA, 2013).

“O Maior São João do Mundo”, mobiliza milhares de campinenses e visitantes durante os trinta dias de duração do evento promovido através de uma Parceria Público-Privada (PPP), entre a Prefeitura Municipal de Campina Grande e a empresa Aliança Comunicação e Cultura. No Centro da cidade, o Parque do Povo, sedia as apresentações de quadrilhas juninas, grupos folclóricos, shows pirotécnicos, e de artistas de renome nacional e regional, trios de forró pé-de-serra, concurso de bandas de forró e casamento coletivo visando proporcionar divertimento a população local, e sobretudo, para fins econômicos, com a atividade turística.

Em vista disso, nesse artigo, temos o ensejo central de identificar as paisagens sonoras, dando ênfase às musicalidades presentes no Parque do Povo em Campina Grande no estado da Paraíba (Figura 1).

Para alcançar tal finalidade, foi primordial a revisão bibliográfica, assim como o embasamento da abordagem qualitativa, uma vez que nesse tipo de investigação a “palavra” é primordial, considerando-se que por meio desta se exterioriza o cotidiano e as relações afetivas (MINAYO; SANCHES, 1993), por meio da implementação de alguns procedimentos operacionais: observação participante, entrevistas, diário de campo, diálogos abertos e registros fotográficos.

A observação participante é uma postura adotada pelo pesquisador em campo (HEIDRICH, 2016), visando compreender o comportamento e as experiências vividas pelos sujeitos (ÁLVAREZ, 2011), de tal modo, o investigador “se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 194). Ademais, optamos pela entrevista que é uma técnica

As paisagens sonoras da Festa Junina de Campina Grande (PB): o caso do Parque do Povo
Jordania Alyne Santos Marques

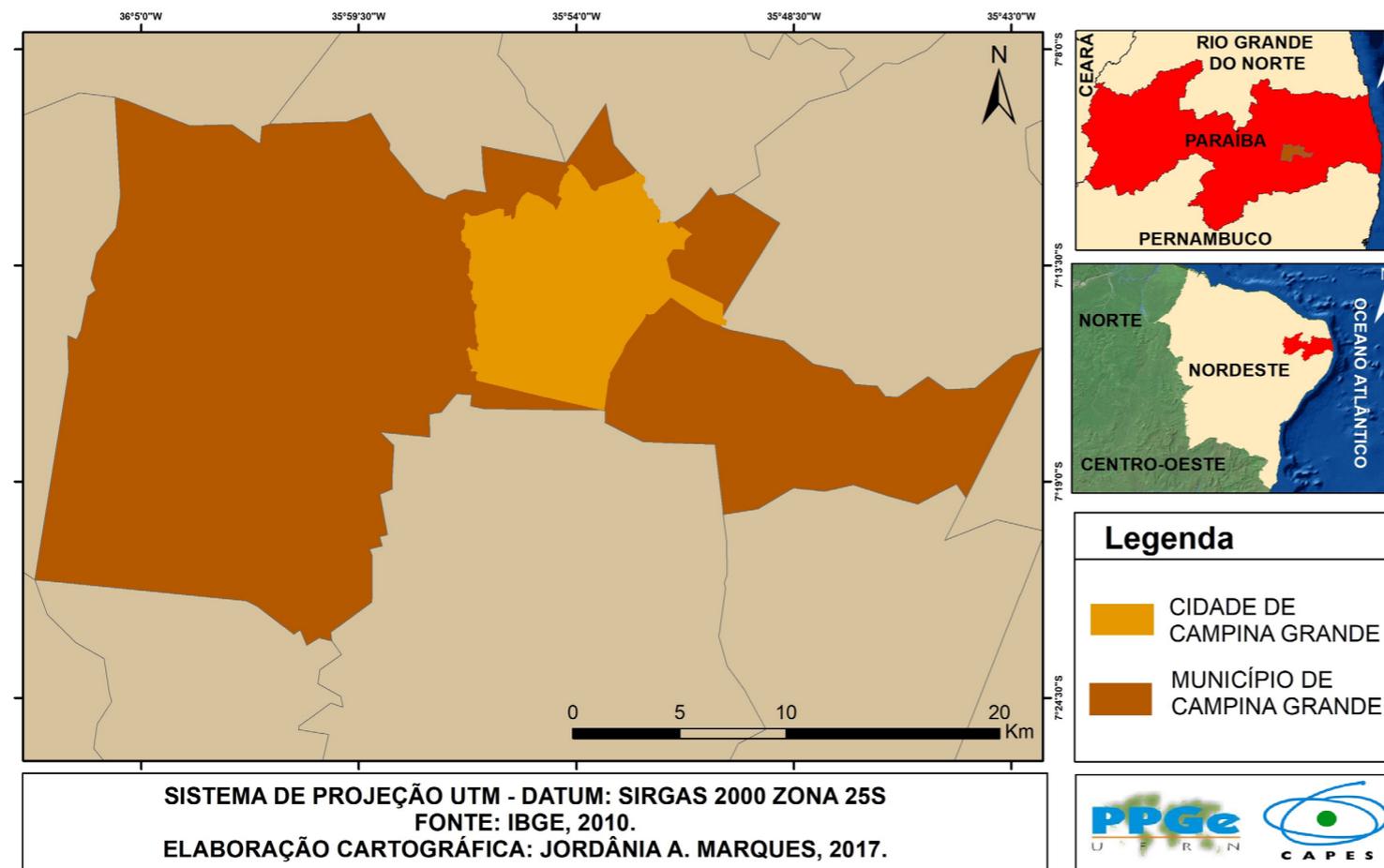


Figura 1 – Localização geográfica de Campina Grande (PB)
Fonte: Marques, J. A. S., 2017.

valiosa para se usar na pesquisa com pessoas e grupos sociais e suas geografias (HEIDRICH, 2016). Logo, empregamos a não-diretiva, na qual, o entrevistado tem autonomia para exteriorizar suas opiniões e sentimentos, cabendo ao entrevistador instigar, direcionando o informante a proferir sobre determinado conteúdo, sem, no entanto, pressioná-lo a responder (ÁLVAREZ, 2011), para tal feito, seguimos as orientações do autor.

Tendo esses princípios metodológicos, adentramos ao Parque do Povo, nos meses de junho e julho nos anos de 2016 e 2017 com a finalidade de registrar as paisagens sonoras, tanto quanto, para a efetivação de entrevistas com os festeiros. Para os nossos registros, usamos o diário/caderno de campo, descrevendo nossas observações; bem como, empregamos a câmera fotográfica para efetuar os registros de áudio e fotográficos, os considerando enquanto “uma narrativa que tem

sentido simbólico, cultural e imagético” (MELO, 2008, p.81).

Ao concluir essa etapa, nos deparamos com narrativas de lembranças, apropriações, percepções e vivências nas festividades juninas. Em vista disso, as narrativas são construídas pelos sentidos e pelas relações estabelecidas com o mundo, “cada ator é um narrador específico e cabe ao pesquisador refletir sobre os mecanismos de estimular as narrativas, compreendendo-as como leituras do mundo” (GAMALHO, 2016, p 43). Desejando apreender as geograficidades presentes nas narrativas, identificamos expressões que nos direcionaram para os conceitos e categorias no âmago das falas em consonância com o objetivo de pesquisa (GAMALHO, 2016).

MIGRAÇÃO E A ASCENSÃO DA FESTA JUNINA EM CAMPINA GRANDE

Em Campina Grande, as festas juninas se iniciam no campo, designadas para comemorar a safra agrícola, em especial do milho, sendo esse o principal ingrediente das comidas produzidas na época. Confraternizando-se entre amigos

As paisagens sonoras da Festa Junina de Campina Grande (PB): o caso do Parque do Povo
Jordania Alyne Santos Marques

e familiares, ocorrendo o descolamento de festeiros das cidades e vilas para as fazendas e pequenas propriedade rurais, realizando quadrilhas, adivinhações alusivas ao futuro (a) esposo/esposa, bem como soltando fogos e balões (LIMA, 2008; MORIGI, 2007).

Ao final do século XIX e primórdios do século XX Campina Grande tornou-se um importante espaço socioeconômico paraibano, por meio da “redefinição do eixo dos transportes e da consolidação da matriz comercial algodoeira” (OLIVEIRA, 2009, p. 12), dirigindo-se aos portos da Paraíba e de Pernambuco com destino ao mercado europeu e americano (LACERDA JÚNIOR et al, 2012).

No entanto, com o declínio da economia do “ouro branco”, adjunto ao desenvolvimento dos setores industriais e a estiagem na década de 1940, acrescido ao envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial repercutiu prontamente no mercado de trabalho e na produção de alimentos no país, atingindo principalmente a população pobre das cidades e os habitantes do campo, culminando no processo de êxodo rural (EULÁLIO, 2014).

Agrega-se a essa conjuntura, as baixas precipitações pluviométricas em 1942, 1951-1953 e 1958, reverberando nos fluxos migratórios provenientes das mesorregiões do Agreste, Borborema e Sertão paraibano,

atraídos pelas oportunidades de emprego que a cidade disponibilizava em virtude dos setores industriais (EULÁLIO, 2014) (Figura 2).

Ao se estabelecerem nas áreas periféricas de Campina Grande, os migrantes organizavam as festividades juninas, a princípio nas residências e a *posteriori* nas ruas, de modo que, os principais impulsionadores dessas comemorações eram o acendimento das fogueiras ao anoitecer dos dias de Santo Antônio e São João, servindo para acalorar-se, em virtude das temperaturas amenas característica do mês de junho, e também para assar batatas e milho verde para se alimentarem (MORIGI, 2007).

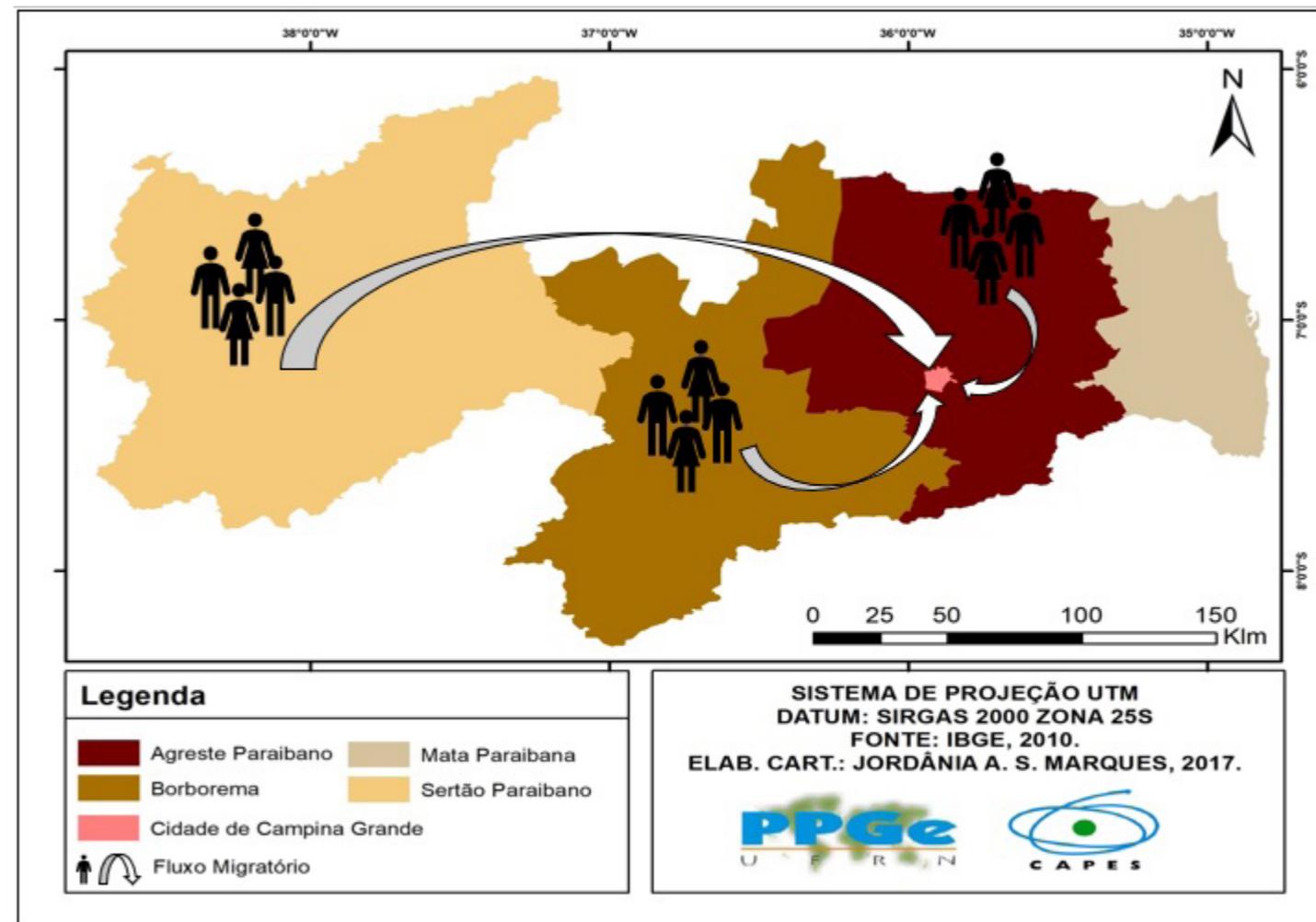


Figura 2 – Eixos migratórios.
Fonte: Marques, J. A. S., 2017.

As paisagens sonoras da Festa Junina de Campina Grande (PB): o caso do Parque do Povo
Jordania Alyne Santos Marques

Eram feitas brincadeiras diversas, presságios, balões enfeitavam o céu e rojões eram soltados. Inclui-se ainda o forró, enquanto um ritmo musical e uma prática dançante, reaviva as lembranças do campo. É útil destacarmos que, o forró fazia parte da dinâmica dos bairros durante todo o ano, em razão da carência de opções de lazer nessas áreas periféricas (EULÁLIO, 2014; MORIGI, 2007).

Dessa maneira, entre as décadas de 1940 e 1970, as festas juninas campinenses se difundiram por clubes, associações, bares e festas de bairros (EULÁLIO, 2014; LIMA, 2008; MORIGI, 2007) (Figura 3).

Além do forró, as quadrilhas juninas despontaram como essenciais no contexto das festividades juninas no urbano, em razão de serem propulsoras de sociabilidade, e “durante a festa todos desejam se tornar matutos” (CHIANCA, 2013, p. 53). Em 1964 é datada a primeira quadrilha junina infantil no ambiente escolar campinense “no Colégio Stellita Cruz, atualmente, Colégio Santa Cruz” (LIMA, 2008, p. 36), localizado no centro da cidade. Logo após, em 1971 é registrado a criação de uma quadrilha na rua da floresta, essa fomentará a expansão e multiplicação pela cidade de Campina Grande (LIMA, 2008).

A CRIAÇÃO DE UM TERRITÓRIO PROFISSIONALIZADO: PARQUE DO POVO

O governo municipal, via Assessoria de Recreação e Cultura do Município (ARC) e Empresa de Desenvolvimento Cultural da Borborema (EMDEB) em 1976, vislumbrando coordenar e concentrar espacialmente a festa junina no sítio urbano de Campina Grande, cria dois locais destinados para esse fim, passando a requerer das quadrilhas juninas e barraqueiros um credenciamento prévio para a sua participação nos eventos, em consonância com o trecho a seguir:

[...] monta um “arraial junino”, com cinco barracas de comidas típicas e palco para apresentação de shows musicais e quadrilhas

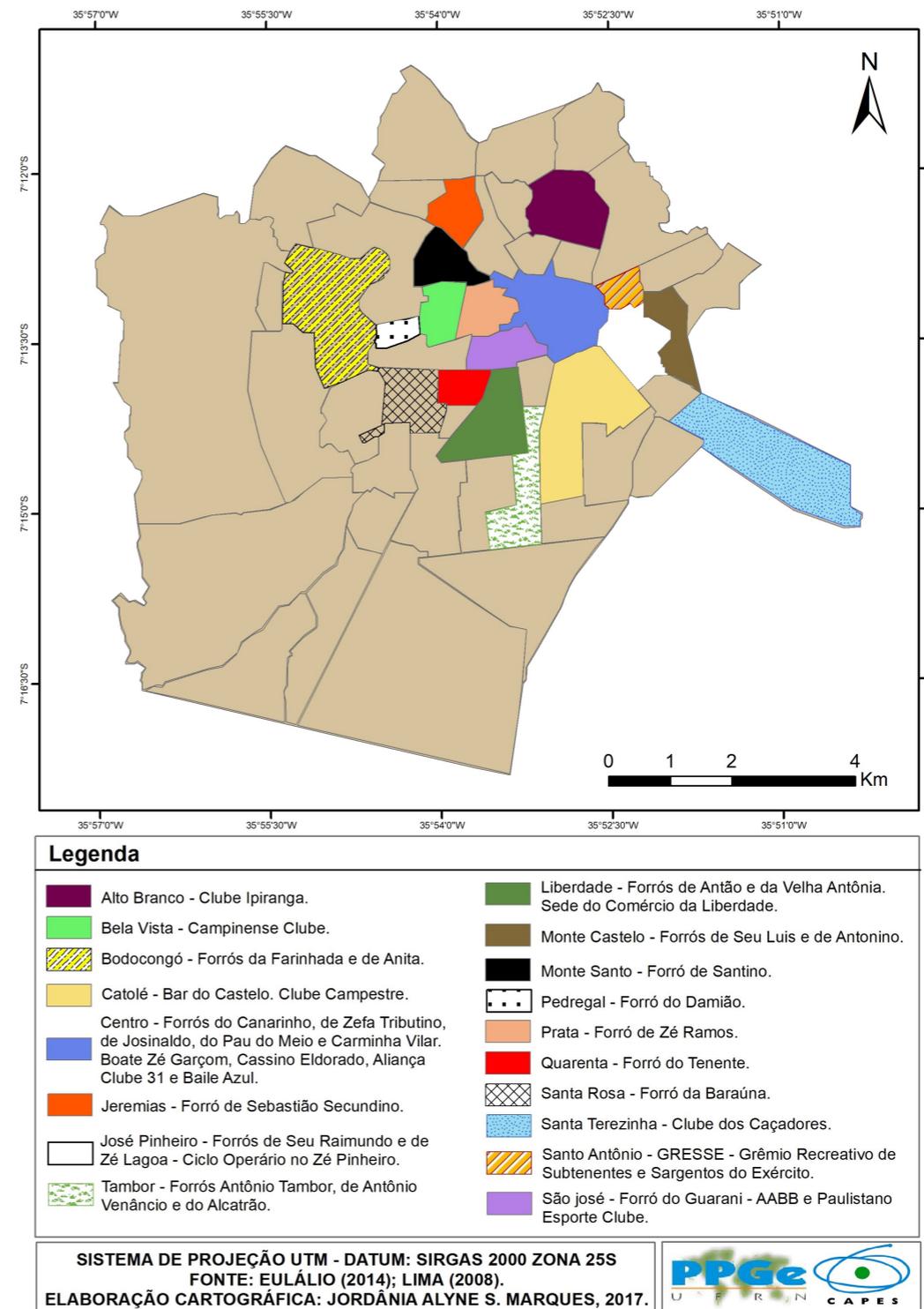


Figura 3 – Os bairros e as festividades juninas entre as décadas de 1940 -1970
Fonte: Marques, J. A. S., 2017.

As paisagens sonoras da Festa Junina de Campina Grande (PB): o caso do Parque do Povo
Jordania Alyne Santos Marques

juninas no Pátio da Estação Velha, localizado no Centro Turístico Cristiano Lauritzem, no centro da cidade e outro, no Parque do Açude Novo, também no centro da cidade [...] A ideia básica dos órgãos ligados a Prefeitura Municipal, como a ARC e a EMDEB, é a de utilizar os próprios recursos de que a cidade já dispunha para festejar a festa junina, até então dispersa em diversos setores da cidade e unificá-los em dois novos espaços (LIMA, 2008, p. 41).

Nesse período, participavam das comemorações as escolas de ensino básico municipal e privada, as sociedades de amigos de bairro e os moradores da cidade de modo geral (LIMA, 2008).

O então gestor municipal, Enivaldo Ribeiro, em 1982, desapropriou uma grande área nas adjacências do açude novo para a instalação do Centro cultural Lourdes Ramalho, o local era denominado popularmente como “Coqueiro de Zé Rodrigues”, mas boa parte do terreno ficou inocupado. De tal modo, no ano de 1983, o prefeito Ronaldo Cunha Lima construiu o “Palhoção” (Figura 4), para sediar as comemorações juninas, nomeada de “Maior São João do País”, com uma infraestrutura simples (LIMA, 2008; MORIGI, 2007).

O chão onde as pessoas dançavam era de terra batida. Quando estava

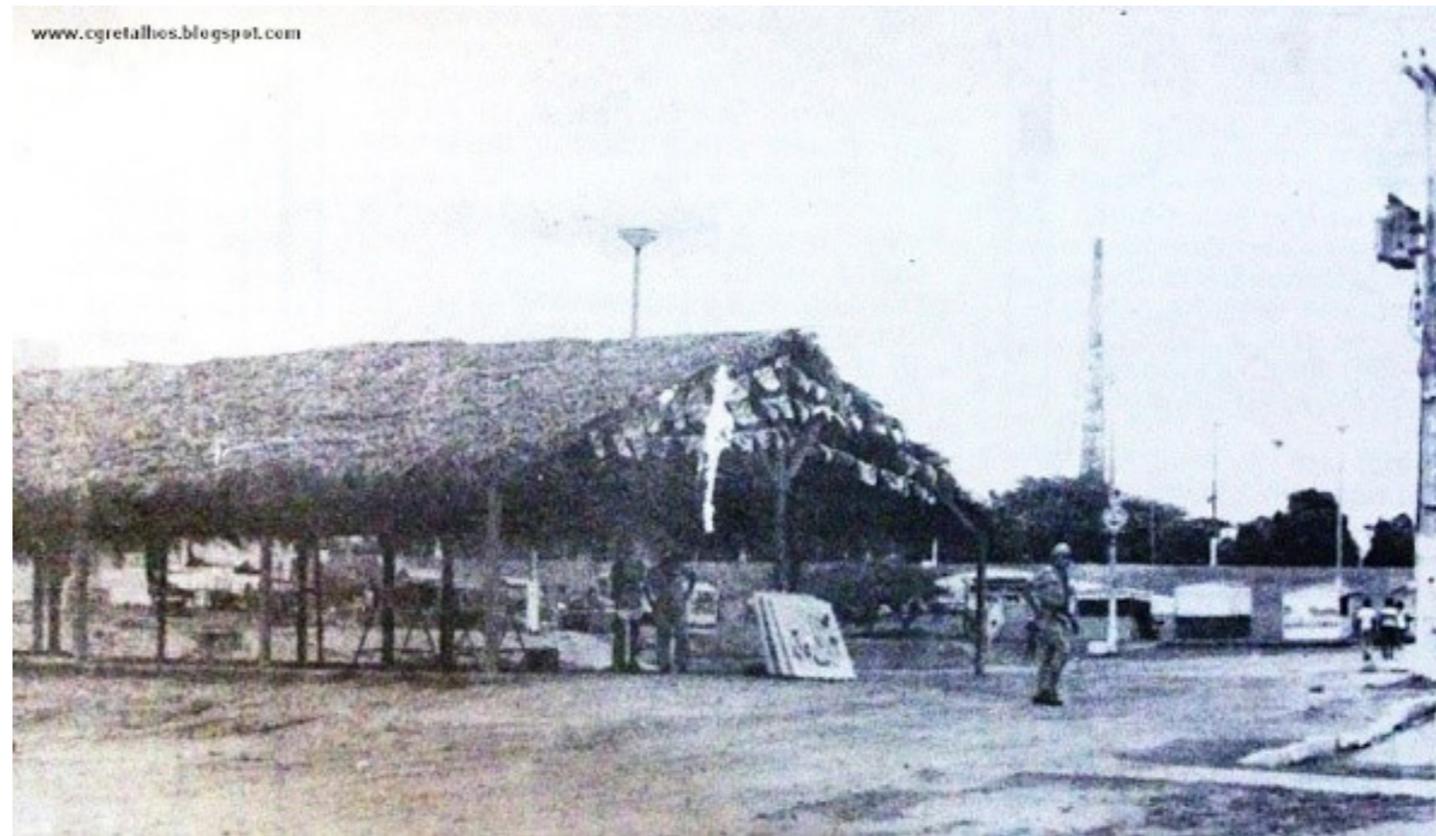


Figura 4 – Palhoção em 1983.

Fonte: Diário da Borborema, 1983 (ARAÚJO, 2008).

seco, levantava uma nuvem de pó e quando chovia era uma lama só. Mas isso, segundo eles, pouco, importava, pois todos queriam mesmo era dançar. Como atrações, havia dezenas de quadrilhas de bairros que levavam os nomes dos bairros e das ruas e inscreviam-se para participar da festa. Além disso, havia casamento matuto, desfile de carroças, corrida da fogueira. Os clubes também realizavam seus bailes, os “forros entra e sai”, e traziam para animar as noites nomes consagrados da música regional e nacional. Durante esse período, era registrado um sensível aumento das vendas do comércio, principalmente tecidos, confecções, calçados e fogos. O sucesso do primeiro ano garantiu a continuidade da festa nos anos seguintes (MORIGI, 2007, p. 47).

Haja vista o êxito da primeira edição, no ano subsequente, em 1984 a festividade passa a associar-se de fato à lógica turística, passando a ser denominada como “O maior São João do Mundo”, manifestando interesses econômicos das elites locais.

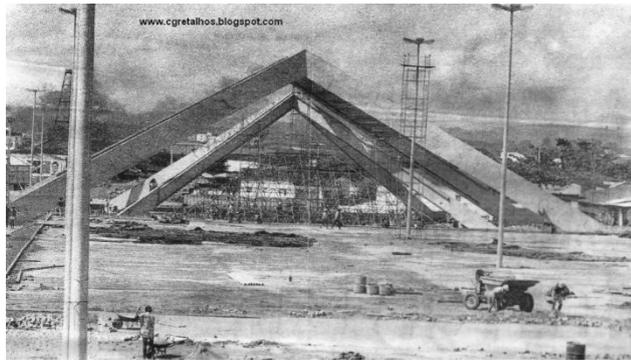


Figura 5 – Construção da Pirâmide- Forródro.
Fonte: Diário da Borborema, 1986 (ARAÚJO, 2008).

Nos anos posteriores, a festividade passou a compor o calendário do Instituto Brasileiro de Turismo, transformando-se na principal imagem de cidade, a partir do destaque dado ao folclore e tradições locais (LIMA, 2008). Mas, foi no ano 1986 que o local passou a deter de uma melhor infraestrutura, transformando-se no Forródro com a construção da pirâmide (Figura 5).

Ao construir o Parque do Povo, Ronaldo Cunha Lima utilizou estratégias discursivas por meio da mídia, objetivando impulsionar a economia da cidade e construir uma identidade campinense com o “Maior São João do Mundo”, além de utilizá-lo politicamente (SANTOS, 2008).

Gradativamente, a festa passa a ganhar visibilidade e uma maior

projeção na escala nacional, sendo fundamental o papel desempenhado pelas mídias, com ênfase na Rede Globo de Televisão com transmissões ao vivo diretamente do Parque do Povo. Com isso, um maior contingente de visitantes oriundos das várias regiões do Brasil, assim como de outros países, se deslocam com destino a Campina Grande. Considerando-se o valor econômico agregado a comemoração, várias empresas de distintos ramos passam a interessar-se pela mesma, buscando vender seus produtos (LIMA, 2008; MORIGI, 2007).

Isto posto, a cada edição do São João, se sucede a decoração, danças, comidas, músicas e fogos de artifícios que estão atreladas a uma ruralidade, religiosidade e identidade nordestina, já relacionada anteriormente. Todavia, no desenrolar dos anos, ocorrem rupturas nos cenários da festa, com a inclusão de reproduções de prédios importantes para a história de Campina Grande remetendo ao final do século XIX, como também, o aumento no número de barracas, restaurantes, exposição de *slogans* dos patrocinadores e camarotes (MARINHO, 2013; MORIGI, 2007).

Acerca da música, tem-se a inclusão do forró eletrônico, o qual, de acordo com Chianca (2013) é um gênero musical embasado na vida urbana que surge no final da década de 1980. Para isso, tem-se a inclusão de novos instrumentos musicais e novas composições, “um jovem forró que pouco a pouco vai se modernizando e adquirindo elementos de outros gêneros da cultura pop” (COSTA, 2012, p. 132).

O autor supracitado enfatiza que as alterações decorreram paulatinamente, emergindo a necessidade de uma melhor sonorização e espaço físico para as apresentações. As roupas não remetem mais ao cangaceiro ou vaqueiro, nessa “nova fase as mulheres aderem a um vestuário muito mais sensual e os homens a estilos urbanizados, inclusive muitos com o cabelo longo” (COSTA, 2012, p. 133).

É, sobretudo, na década de 1990 no Ceará que ocorrem formações de bandas de forrós eletrônico, sendo a Banda Mastruz com Leite a proeminente desse novo jeito de se fazer forró (COSTA, 2012). A segunda geração, a exemplo da banda Aviões do Forró e Garota Safada, investiu “em grandes espetáculos introduzidos por novas práticas visuais, sonoras, coreográficas e comerciais. Suas particularidades reconhecidas se davam pelo romantismo misturado na sensualidade e malícia” (MAGALHÃES, 2016, p. 51).

As paisagens sonoras da Festa Junina de Campina Grande (PB): o caso do Parque do Povo
Jordania Alyne Santos Marques

AS MUSICALIDADES E AS EVOCAÇÕES DE SENTIMENTOS

Ao investigar a paisagem cultural, por intermédio dos sons produzidos na festa junina de Campina Grande, no recorte espacial do Parque do Povo (Figura 6), nos deparamos com variadas paisagens, as quais identificamos por meio da ida a campo e das narrativas dos festeiros.

Para esse feito, foi essencial compreendermos que “os sons afetam os indivíduos de modo diferente, e um único som pode estimular uma variedade de reações, bem como diferentes grupos culturais têm atitudes variadas perante os sons” (FURLANETTO, 2016, p. 354). Essas postulações foram de grande valia para toda a nossa investigação, uma vez que, a discussão sobre as musicalidades presentes na festa, se inicia antes mesmo dela começar (Figura 7).

A presença de artistas sertanejos, de forró eletrônico e de funk, dividiu opiniões. Alguns festeiros elogiaram as atrações, em contrapartida, outros se manifestaram combatendo veementemente os shows, em consonância com os *emotions*

atribuídos aos nomes dos artistas na figura acima. Portanto, ao utilizarem a *hashtag* “#devolvameusaojoao” nas redes sociais digitais, artistas nordestinos e festeiros argumentavam a perda de autenticidade da comemoração.

As considerações convergentes e divergentes quanto à programação, faz com que despertemos para a “música como mediadora do caráter e da identidade dos lugares, a relação da música com o meio ambiente, a poluição sonora, as heterotopias e topofilias sonoras, as políticas culturais e os aspectos econômicos referentes à música” (FURLANETTO, 2016, p.363).

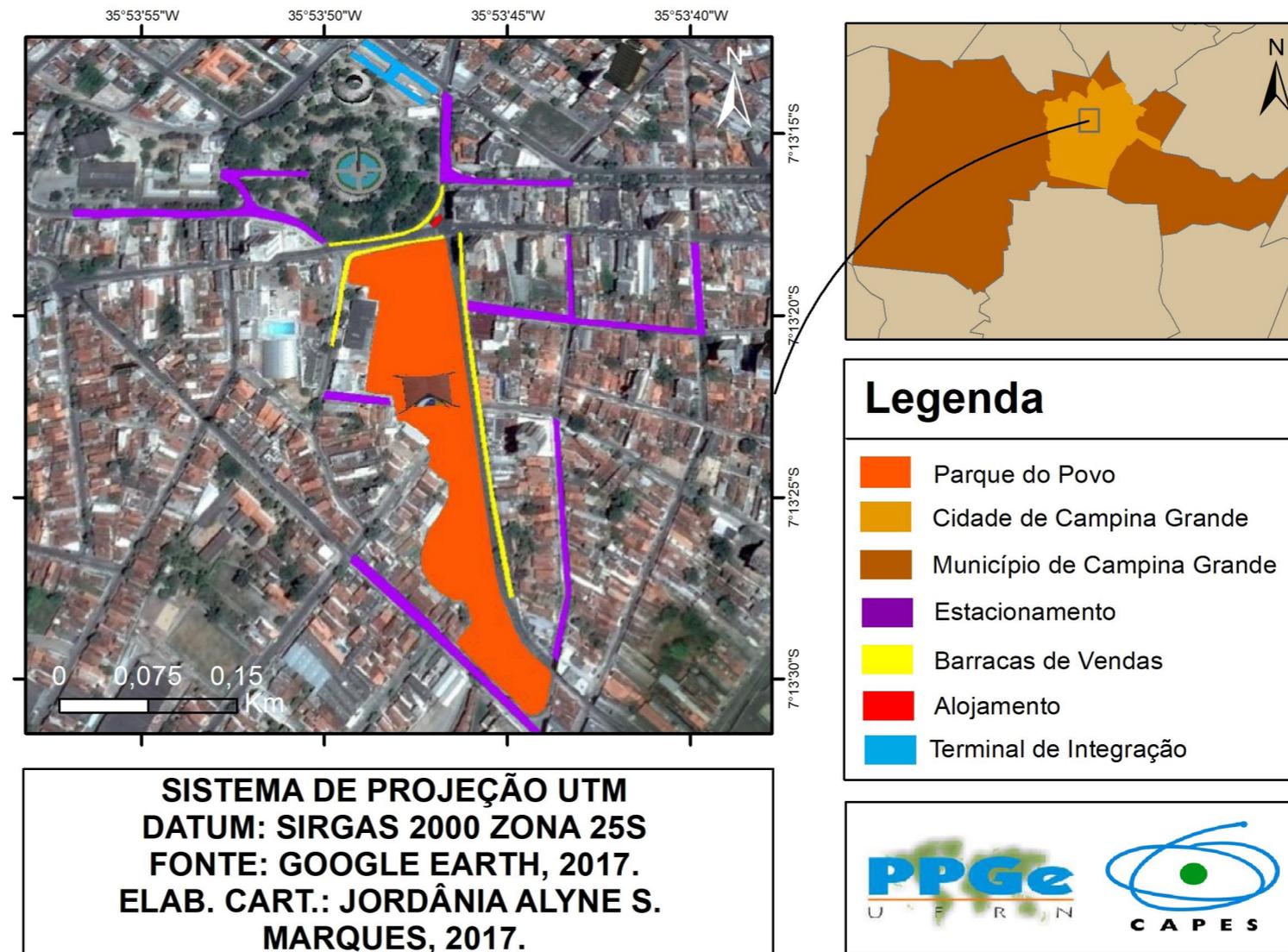


Figura 6 – Localização do Parque do Povo.
Fonte: Marques, J. A. S., 2017.



Figura 7 – Manifestação com relação a programação do Palco Principal.

Fonte: Autor desconhecido, disponibilizado por um membro do Grupo do facebook "Festas Juninas de Campina Grande"*

* Esse grupo foi idealizado por recomendações da banca avaliadora no Exame de Qualificação de mestrado em março de 2017. O maneamos como uma estratégia de escuta, almejando compreender como os participantes observam/vivenciam a festa.

A representação cartográfica abaixo (Figura 8), evidencia a destinação de locais para shows (seculares e religiosos), camarotes, apresentações de quadrilhas, serviços gastronômicos (bares e restaurantes), palhoças de forró, Cidade Cenográfica e *stand* de patrocinadores, em cada local desse têm sua particularidade de sonoridades.

No palco principal, no decorrer dos trinta dias, tem-se a apresentação de bandas de diferentes gêneros musicais: forró, sertanejo, funk e religiosos (católicos e evangélicos), portanto, durante as execuções das músicas e falas são produzidas paisagens sonoras peculiares, causando diferentes sentimentos. Nesse sentido, ouvimos o diálogo de dois amigos nas proximidades do palco principal, ressaltando a indispensabilidade de ver os fogos e participar do show de Elba Ramalho na véspera de São João, logo, "os sons que animam a festa tecem uma composição geomusical plena de simbolismo, modulada pelas tonalidades afetivas da alma humana" (FURLANETTO, 2016, p. 364).

Na parte superior do Parque do Povo, tem-se o Bar do Tenebra, que desde 2006 é conhecido devido ter um público alternativo e por reproduzir ritmos nordestinos (coco, maracatu, ciranda e forró), *pop*, *rock* e música popular brasileira. Em 2017, a determinação foi de não utilizar sons nas barracas, ocorrendo a violação dessa normatização pagaria uma multa de 100 mil reais. No entanto, o depoente nos afirma: "conseguimos com um abaixo-assinado e com muito diálogo a liberação, nossos clientes ajudaram muito. Além de ajudar a conseguir as assinaturas, eles contribuíram para a arrecadação do valor do aluguel do nosso espaço com uma vaquinha *online*" (João -Depoimento concedido em 12 de junho de 2017). Nessa perspectiva, "o elemento musical também é um produtor de territórios, e está presente nos processos que envolvem a definição de identidades, atuando como

As paisagens sonoras da Festa Junina de Campina Grande (PB): o caso do Parque do Povo
Jordania Alyne Santos Marques

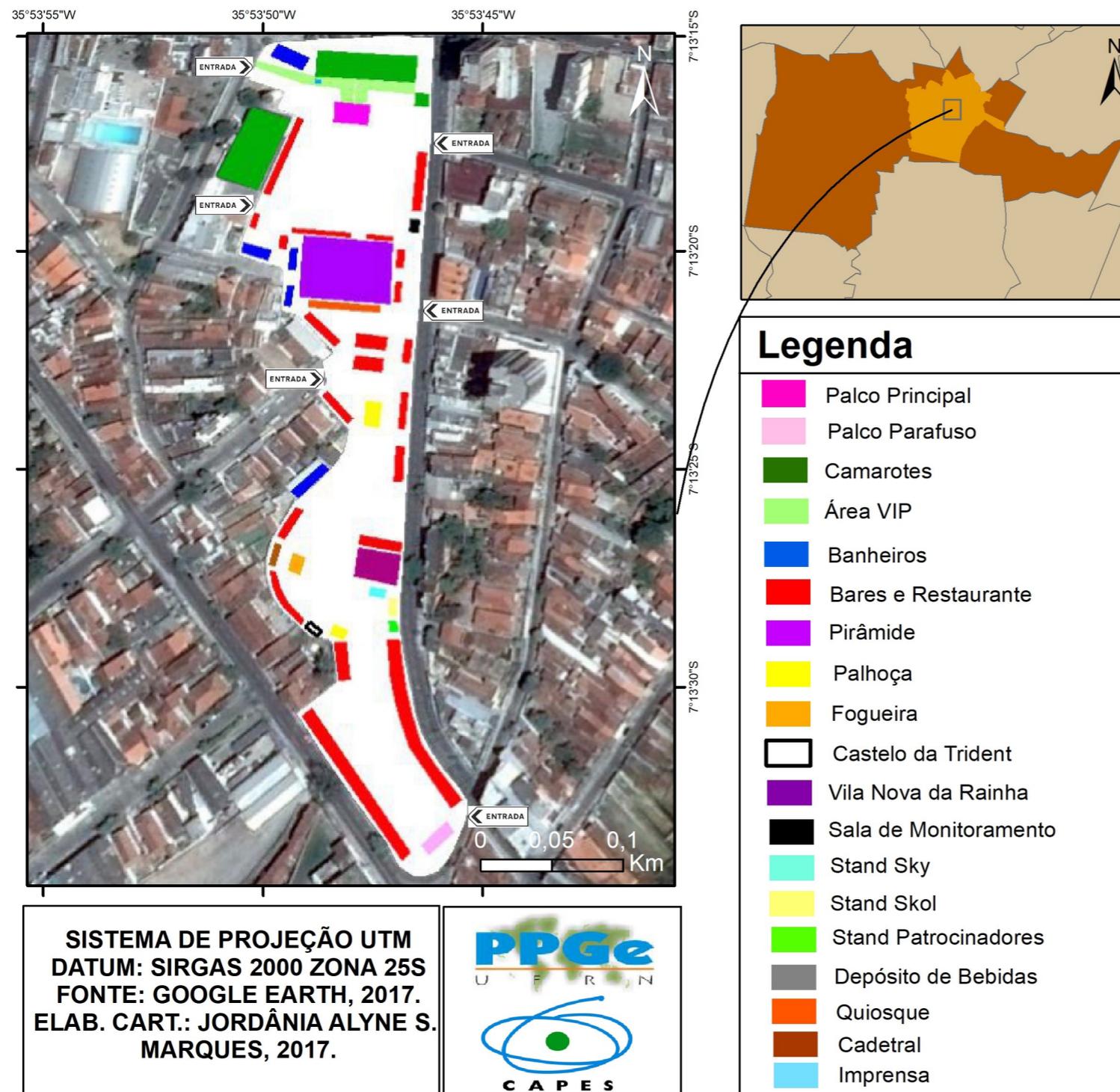


Figura 8 – Layout do Parque do Povo.
Fonte: Marques, J. A. S., 2017.

agente performativo das dinâmicas e desenvolvimento territorial” (FURLANETTO, 2016, p. 359).

A véspera de São João é sempre um dia com grande fluxo de festeiros no Parque do Povo. Nessa ocasião, em 2016, estávamos próximos na parte inferior do parque, em uma palhoça com uma vasta gama de sonoridades nos rodeando: diálogos de pessoas, trios de forró, gritos de crianças. Com esses sons iniciamos as nossas conversas com os depoentes, e de prontidão, as lembranças das músicas e das edições passadas da festa foram evidenciadas:

Lembro-me com saudades das músicas de Jackson do Bandeiro, Elino Julião, Zico Borborema, Genival Lacerda, Antônio Barros e lógico de Luiz Gonzaga. As festas aqui tinham muitas fogueiras, quadrilhas, era tanta animação, a gente comia milho assado, e gritava viva São João! Tínhamos poucos recursos, por isso usávamos calçados e roupas simples, mesmo assim íamos com nossos chapéus de palhas para as palhoças (Marcos-Depoimento concedido em 24 de junho de 2016).

Na narração do festeiro nos deparamos com uma cartografia cognitiva ou mental, sendo ela, constituída de “imagens do ambiente guardadas na mente das pessoas” (SEEMANN, 2003, p.9), marcada por “encontros e desencontros” (GAMALHO, 2016, p. 38).

Nas confluências dessa representação do ambiente festivo, recorrendo à experiência corporal que é “a base de toda sensação e percepção e, conseqüentemente, de toda imaginação e memória simbólica” (TORRES, 2016a, p. 196), evidencia-se a espontaneidade do Palhoção e de suas vestimentas, igualmente, cita-se com saudosismo as paisagens sonoras, isto é, “elementos comunicativos, como a fala humana e elementos artísticos sonoros, como as músicas” (TORRES, 2016b, p. 182).

Destarte, essas últimas são associadas às alegrias experimentadas nas festas juninas em tempos de outrora, além disso, no transcórrer de nossa conversa, os senhores aludiram que em virtude de serem originários do campo, as canções são cheias de reminiscências do cotidiano da adolescência e infância. Nessa acepção, “as músicas contribuem para a criação de uma ligação emotiva e humana com os lugares, além de demarcarem corporeidades, territorialidades e relações sócio-espaciais” (DOZENA, 2009, p.187).

REFLEXÕES FINAIS

Como já foi abordado, factualmente, as festas juninas têm feito parte da dinâmica de Campina Grande na Paraíba, a datar da década de 1940, momento marcado pela constituição de suas áreas periféricas, em decorrência dos processos migratórios. Logo, as confraternizações ocorriam de modo espontâneo, reafirmando laços de sociabilidade entre os amigos e familiares em suas residências e nas

ruas, posteriormente, as elites passam também a festejar em clubes e associações. A partir da década de 1980 com o “projeto junino” tendo como carro chefe as quadrilhas juninas, a gestão municipal passa a investir na centralização da comemoração, inicialmente em dois espaços: Açude Novo e Estação Velha. Todavia é com a construção do Parque do Povo em 1986 que passam a ocorrer transformações mais expressivas na dinâmica festiva da cidade, uma vez que, os festejos de bairros passam a ser silenciados e não mais incentivados pelo poder público municipal.

Os esforços passam a serem direcionados para “O Maior São João Mundo”, com a extensão temporal de trinta dias, envolta de uma perspectiva econômica, visando atrair turistas, sendo vendida a imagem de uma identidade nordestina construídas discursivamente pelas oligarquias agrárias, calcadas na ruralidade, religiosidade e como um povo forte mesmo em meios às adversidades empostas pelos longos períodos de estiagem.

Dito isto, nesse trabalho tratamos das sonoridades, a fim de identificar as paisagens sonoras, dando ênfase às musicalidades presentes no Parque do Povo em Campina Grande-PB. Para alcançar tal fim, foram basilares os procedimentos metodológicos operacionais, realizamos com base na abordagem qualitativa, através das técnicas do diário de campo, observação participante, entrevistas, diálogos abertos, bem como, registros fotográficos e áudios.

Portanto, nos deparamos com paisagens particulares, por meio dos diferentes gêneros musicais: forró, religiosas, sertanejo, pop, rock, coco, maracatu, MPB, além dos sons produzidos por meio das conversações. Tais sonoridades são dotados de sentimento e significados, produzem memórias, demarcam territórios e identidade territoriais, despertam afetividade e indiferenças. 

As paisagens sonoras da Festa Junina de Campina Grande (PB): o caso do Parque do Povo
 Jordania Alyne Santos Marques

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M de. **A feira dos mitos: A fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ÁLVAREZ, C. A. M. **Metodología de la investigación cuantitativa y cualitativa: Guia didáctica**. Neiva: Universidad Surcolombiana, 2011.
- ARAÚJO, Adriano. Como surgiu o evento “Maior São João do mundo”. **Retalhos históricos de Campina Grande**. Postagem de jun. 2008. Disponível em: < <http://cgretalhos.blogspot.com/2018/06/como-surgiu-o-evento-maior-sao-joao-do.html#.XAwVrFVKjcc>>. Acesso em: 10 maio 2016.
- BEZERRA, A. C. **A (re) invenção das Festas e da Identidade no espaço urbano de Mossoró - RN**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia). Centro de Estudos Gerais, Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- BONJARDIM, S. G.M; ALMEIDA, M. G de. Templos rituais como patrimônio cultural: A geografia nas Análises da Religião. In: VARGAS, M. A.M; DOURADO, A. M; SANTOS, R. H dos (Orgs). **Práticas e vivências com a Geografia Cultural**. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2015.
- CHIANCA, L. **São João na Cidade: ensaios e improvisos sobre as festas juninas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- CLAVAL, P. A festa e a Cidade. **Revista Cidades** (Presidente Prudente) v. 1, n. 1, 27-42, 2011.
- COSTA, J. H. **Indústria cultural e forró eletrônico no Rio Grande do Norte**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.
- DEL PRIORE, M. L. **Festa e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- DOZENA, A. **As territorialidades do Samba em São Paulo**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- EULÁLIO, M. D. **Bate coxa em Campina Grande: História social do forró na cidade do “Maior São João do Mundo” (1950-1985)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande, 2014.
- FURLANETTO, B. H. Paisagem Sonora: Uma composição Geomusical. In: DOZENA, A (Org). **Geografia e Música**. Natal: EDUFRN, 2016.
- GAMALHO, N. P. Narrativas do espaço nas histórias de vida: Os desafios das metodologias qualitativas na geografia. In: HEIDRICH, Á. L; PIRES, C. L. Z (Orgs). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Letra1, 2016.
- HEIDRICH, Á. L. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, Á. L; PIRES, C. L. Z (Orgs). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Letra1, 2016.
- JOURDAIN-ANNEQUIN, C. A cidade em festa: O exemplo das Antesterias Atenienses. **Revista Cidades** (Presidente Prudente) v. 1, n. 1, p. 75-102, 2011.
- LACERDA JÚNIOR, J. A; LIRA, A. N da C. **Retratos de Campina Grande: um século em imagens urbanas**. Campina Grande: UFCG. 2012.
- LIMA, E. C. A. **A fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. 2 ed. Campina Grande: EDUFCG, 2008.
- MAGALHÃES, Kermesson Carlos do Nascimento. **Perfomatização de gosto e rastros de sociabilidades virtuais entre os fãs do forró eletrônico**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

As paisagens sonoras da Festa Junina de Campina Grande (PB): o caso do Parque do Povo
Jordania Alyne Santos Marques

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHO, J. T. **A segregação sócio-espacial no São João do Parque do Povo em Campina Grande-PB**. 2013. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

MELO, E. M. **A paisagem em foco: leituras fotográficas de Jardim do Seridó-RN**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

MINAYO, M. C; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p. 239-262, jul/set, 1993.

MORIGI, V. J. **Narrativas do Encantamento: o maior São João do mundo, mídia e cultura regional**. Porto Alegre: Armazém digital, 2007.

OLIVEIRA, R. V. **Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas**. Campina Grande: EDUEP, 2009, 213p.

SANTOS, W. G dos. **Enredando Campina Grande nas teias da cultura. 1965-2002**. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SEEMANN, J. Tradições humanísticas na Cartografia e a Poética dos Mapas. In: MARANDOLA JÚNIOR, E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SEVERIANO, J. **Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

SILVA, A. F da. **Festas Geográficas: De carnavais a eventos Juninos e populares**. Natal: EDUFRN, 2013.

TORRES, M. A. Entre a paisagem sonora religiosa e as paisagens da memória e da imaginação: uma proposta metodológica. In: HEIDRICH, Á. L; PIRES, C. L. Z (Orgs). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016a.

TORRES, M. A. A música religiosa e suas espacialidades. In: DOZENA, A (Org). **Geografia e Música**. Natal: EDUFRN, 2016b.

Recebido em Março de 2018.

Revisado em Julho de 2018.

Aceito em Outubro de 2018.